



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ – UNIFAP
PRÓ-REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO
CURSO DE LETRAS

**MEMÓRIA E IDENTIDADE *NAS MARÉS DO AMAZONAS*, DE IRAMEL
LIMA: ANÁLISE LITERÁRIA E SOCIOLÓGICA DE UMA OBRA
“INACABADA”**

MACAPÁ

2016

EMÍLIA GARÇON BORGES

MANOELE MORAES DE SÁ

MEMÓRIA E IDENTIDADE *NAS MARÉS DO AMAZONAS*, DE IRAMEL LIMA:
ANÁLISE LITERÁRIA E SOCIOLÓGICA DE UMA OBRA “INACABADA”

Trabalho apresentado como requisito final para a Conclusão do Curso de Licenciatura em Letras, do Departamento de Artes, Letras e Comunicação da Universidade Federal do Amapá.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Yurgel Pantoja Caldas

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ

Prof^ª. Dra. Natali Fabiana da Costa e Silva

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ

Prof. Me. Ana Paula Costa de Arruda

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ

MEMÓRIA E IDENTIDADE *NAS MARÉS DO AMAZONAS*, DE IRAMEL LIMA: ANÁLISE LITERÁRIA E SOCIOLÓGICA DE UMA OBRA “INACABADA”

Emília Garçon Borges*

Manoele Moraes de Sá**

RESUMO

O artigo pretende analisar a importância da obra *Nas marés do Amazonas*, de Iramel Lima, para a construção da história e da identidade do povo amapaense, a partir dos moradores do arquipélago do Bailique, cenário da obra. Os estudos sobre a importância das memórias individual e coletiva para a formação da identidade de um povo norteiam nossas discussões. Avaliamos a importância literária e histórica da obra de Lima e apontamos, na conclusão do trabalho, as falhas de edição e planejamento na construção deste que é seu primeiro romance, assim como oferecemos contribuições para os referidos problemas. *Nas marés do Amazonas* é uma obra predominantemente escrita no discurso direto, expondo assim a forma de pesquisa utilizada pela escritora para embasar sua criação: o relato oral.

PALAVRAS-CHAVES

Literatura amapaense. Memória e identidade. Lendas da Amazônia. Imaginário Popular

ABSTRACT

The article aims to analyze the importance of the work "Nas marés do Amazonas" by Iramel Lima, to build the history and identity of Amapá people, from the inhabitants of the Archipelago Bailique, the work setting. Studies on the importance of individual and collective memories for the formation of the identity of a people guide our discussions. We evaluate the literary and historical importance of the work of Lima and point at the conclusion of the work, editing and planning failures in the construction of which is his first novel, and provide inputs to those problems. The backwaters of the Amazon is a predominantly written work in direct discourse, thereby exposing the form of research used by the author to support his creation: the oral report.

KEYWORDS

Amapá literature. Memory and identity. Amazon legends. Imaginary People.

* Jornalista especialista em Comunicação e Marketing Público e Empresarial e concluinte do curso de Letras pela Universidade Federal do Amapá.

** Professora de Espanhol, Esp. em Educação Especial Inclusiva, Esp. em Metodologia do Ensino de Língua Estrangeira e concluinte do curso de Letras pela Universidade Federal do Amapá.

INTRODUÇÃO

O romance *Nas marés do Amazonas*, da escritora amapaense Iramel Lima, é composto por 29 capítulos, distribuídos ao longo de 175 páginas, e conta a história de um senhor paralítico chamado Higino Amanajás. Ele regressa ao arquipélago do Bailique¹, no estado do Amapá, sua terra natal, almejando encontrar uma planta medicinal para a cura de sua enfermidade. Durante sua busca, Higino narra as diversas aventuras enfrentadas para encontrar a erva, revelando novas paisagens e um mundo de mistérios na relação do caboclo com a natureza. A cada comunidade, amigo ou conhecido que se visita, as histórias do lugar tornam-se o centro das atenções. São histórias de lendas e de ‘causos’ supostamente verídicos de acontecimentos fantásticos, que permeiam a vida dos ribeirinhos. O romance de Iramel Lima torna-se uma espécie de antologia de histórias, lendas e contos do Bailique – um retrato do imaginário popular amapaense daquela região.



Figura 1. Mapa do Amapá e localização do arquipélago do Bailique. Fonte: *Google Maps*, 2012.

¹ Distrito da cidade de Macapá, localizado a cerca de 185 km da capital, formado por oito ilhas e, aproximadamente, 50 comunidades.



Figura 1. Mapa do arquipélago do Bailique. Fonte: Google (disponível em: <http://slideplayer.com.br/slide/5596210/>)

Apesar de contar com vários personagens, a trama do romance é simples. A obra conta a história de um velho ribeirinho que, paralítico, encontra numa planta medicinal a chance de cura e retorno a uma vida tranquila em meio à natureza e suas inspirações. Higino, ao se aventurar novamente pelas ilhas do Bailique, vai reencontrando velhos amigos e relembrando saudosos tempos de juventude. A narrativa conta com algumas expressões regionais e passeia pelo imaginário amazônico, cheia de lendas, histórias místicas e dramas reais vivenciados pelo caboclo do norte do País.

Como o narrador da trama é o próprio personagem principal, o leitor entra nas memórias de Higino, no seu universo que remonta o passado. Higino é o historiador de sua própria experiência e, conseqüentemente, da história de seu povo. Suas lembranças e narrações são matérias-primas para a reconstrução da história do povo amapaense, em especial, do bailiquiense.

No Amapá, a cultura oral é muito forte, e as histórias são repassadas de pai para filho em reuniões familiares, especialmente, no interior do estado em que conversar no pátio da casa ainda faz parte da diversão cotidiana dos amapaenses. Portanto, ocorre uma identificação muito grande do leitor local com a obra de Iramel. Ele é capaz de se enxergar nas linhas escritas. O livro de Lima faz os leitores amapaenses rememorem lembranças da infância, em que os mais velhos contavam histórias intrigantes de botos encantados, de feitiçeras que se transformavam em animais e muitas outras narrativas, para assustar ou distrair os mais jovens. Assim a identidade do homem simples em harmonia com a natureza transparece.

Memória, identidade e literatura

Antes de analisarmos o romance de Iramel Lima, precisamos falar sobre a importância da memória para a construção da identidade dos indivíduos, além da literatura como lugar de memória. Para Lucila de Almeida Delgado, a memória é

o melhor porto de partida para navegantes com desejo de vento e profundidade. De fato, quando na busca de construção de identidades, os sujeitos individuais e sociais mergulham na profundidade de suas histórias e processam “longa viagem” através de uma dinâmica que pode apresentar caráter espontâneo ou direcionado (DELGADO, 2006, p. 45).

A memória, segundo Delgado, é pois uma fonte fecunda para as investigações do passado e construção do futuro, em que o “ato de lembrar insere-se entre as possibilidades múltiplas de registro de passado, elaboração das representações e afirmações de identidades construídas na dinâmica da História” (DELGADO, 2016, p. 46).

Para Nora (1993) e Halbwachs (1990), a memória individual precisa ser validada constantemente pela memória do outro. A memória coletiva é, assim, um conjunto de memórias individuais que, juntas, produzem a história de um determinado grupo. Os autores corroboram com a ideia de que existem memórias tanto quanto podem existir grupos. As memórias coletiva e individual e a noção de identidade se retroalimentam e não é possível dissociá-las (NORA, 1993).

Nora afirma que “todos os corpos constituídos, intelectuais ou não, sábios ou não, apesar das etnias e das minorias sociais, sentem a necessidade de ir à busca de sua própria constituição, de encontrar suas origens” (NORA, 1993, p. 17). A referência é

uma contraposição ao que acontecia no passado em relação à produção dos fatos históricos da sociedade em que as minorias não se enxergavam. Nora afirma ainda que, hoje, todos buscam suas origens.

Montenegro, por sua vez, diz que a história oficial é uma versão do historiador, posto que a “história opera sempre com o que está dito, com o que é colocado *para e pela* sociedade, em algum momento, em algum lugar. Desses elementos, o historiador constrói sua narrativa, sua versão, seu mosaico” (MONTENEGRO, 2010, p. 19). Logo, podemos inferir que a história é feita de versões e que os avanços nos estudos sobre a importância da memória para a construção das identidades individuais e coletivas tendem a se tornar espaços históricos mais democráticos e próximos da realidade, uma vez que se contarão novas versões e, como diz Montenegro, tratar-se-ão não só da ação ou do evento de caráter histórico, mas dos impactos que tais eventos causaram nas comunidades (MONTENEGRO, 2010).

Ressalta-se ainda que Candau (2006) considera a memória como o alicerce da sociedade, da identidade coletiva e individual e da vida social. O referido autor destaca a memória como lugar de transmissão de saberes e fazeres. É por meio da memória que as tradições, as crenças e os valores são repassados através das gerações (CANDAU, 2006). Isso nos leva à concepção a que Delgado chamou de identidade relacionada diretamente “a atributos culturais, simbologias, experiências, hábitos, crenças, valores. Remete a um elenco de variáveis em permanente construção” (DELGADO, 2006, p. 47).

Não podemos esquecer que a memória tem suas controvérsias. Candau fala sobre o passado real e o passado criado, em que as lembranças dos indivíduos sofrem alterações ao longo do tempo, podendo, assim, enganá-los. Como as memórias individuais se interligam para formar a memória coletiva, as mudanças de pensamento de alguns indivíduos podem ocasionar perda de memória, uma vez que não haverá convalidação das lembranças pelos outros indivíduos.

Por esse motivo, emerge a necessidade de se ter um lugar para resguardar essas memórias do esquecimento: espaços que capturem momentos passados e ajudem na sua reconstrução e na construção do futuro. São os “lugares de memória”, como denominou Nora – lugares concretos, como um livro, por exemplo. Pierre Nora também tem os

relatos orais como lugares de memória, mas afirma que é preciso documentar para que possamos guardar o passado de maneira integral (NORA, 1993).

Delgado fala sobre a importância da documentação dos relatos orais e da memória na construção desse sujeito histórico:

A produção de documentos orais tem duplo embasamento: o ofício do pesquisador e a memória dos depoentes. Como metodologia que busca captar o passado, a História oral constitui-se como espaço vivificador da relação entre a história, as memórias e as identidades, pois como afirma Saul Sosnowski: “o ato de recordar incita à reflexão permanente do ser história” (SOSNOWSKI, 1994, p.15). Dessa forma, História e memória enredadas na trama da reconstituição temporal e espacial, contribuem para a consolidação da consciência de pertencimento ou de não pertencimento dos sujeitos históricos a organizações, grupos, instituições, etnias, países (DELGADO, 2006, p. 46).

Voltando ao lugar de memória, podemos considerar os livros como excelentes suportes exteriores para guardar a memória de um povo. Para Tedesco (2011), vários são os lugares de memória, como uma praça, um monumento, uma casa, desde que sejam símbolos que ultrapassem suas materialidades. Contudo, o que nos interessa neste trabalho é o livro e a literatura como guardadores e construtores de história e identidade. São aos livros que frequentemente recorremos para pesquisar sobre o passado. Candau (2006), nesse sentido, diz que um lugar de memória refugia no presente fatos, coisas, vestígios, traços, registros do passado que servirão como fonte de pesquisa para os indivíduos no futuro. Os livros são espaços físicos que proporcionam conhecimento do que se passou.

Evidenciamos o que Tedesco (2011) fala sobre os estudos da memória. O autor ressalta que não é só o campo da história que tem como objeto de reflexão a memória, mas também a memória passou a ser objeto de investigação das ciências humanas sociais, assim como a saúde, a arquitetura, a comunicação, as artes, entre outros campos do conhecimento, passando-se também a estudar a memória e a utilizá-la, cada um a seu modo.

Tedesco apresenta a literatura como ciência que sofreu mudanças com os avanços dos estudos sobre a memória. A partir desse momento, história e literatura, que divergiam sobre conceitos de ficção e real, passaram a trocar conhecimentos e métodos, relacionando-se com mais proximidade por meio da memória.

Vejamos o que Nora diz sobre história e literatura:

a memória, com efeito, só conheceu duas formas de legitimidade: histórica ou literária. Elas foram, aliás, exercidas paralelamente mas, até hoje, separadamente. A fronteira hoje desaparece e sobre a morte quase simultânea da história-memória e da história-ficção, nasce um tipo de história que deve seu prestígio e sua legitimidade à sua nova relação com o passado, um outro passado. A história é nosso imaginário de substituição. Renascimento do romance histórico, moda do documento personalizado, revitalização literária do drama histórico, sucesso da narrativa de história oral, como seriam explicados senão como a etapa da ficção enfraquecida? O interesse pelos lugares onde se ancora, se condensa e se exprime o capital esgotado de nossa memória coletiva ressalta dessa sensibilidade. História, profundidade de uma época arrancada de sua profundidade, romance verdadeiro de uma época sem romance verdadeiro. Memória, promovida ao centro da história: é o luto manifesto da literatura (NORA, 1993, p. 28).

Há muito a literatura vem contando histórias e retratando períodos históricos. Mas só com o fomento dos estudos sobre a memória é que a historiografia se aproximou de vez do campo literário. Temos no Brasil um ótimo exemplo de livro histórico, *Vidas secas* de Graciliano Ramos, que conta a história de uma família retirante fugindo da seca nordestina. Esse texto é considerado, no campo da Comunicação Social, por muitos teóricos, um livro-reportagem. Por meio dessas experiências literárias, Graciliano revela que se inspirou em histórias reais de muitas famílias da região onde se passa a história de *Vidas secas*.

Portanto, pode-se dizer que a literatura vem exercendo um papel de ser a memória dos indivíduos que a compõem, além da vivência estética, que é seu papel primeiro. A literatura permite ainda o registro histórico de um povo, possibilitando que as comunidades deixem suas marcas e seus vestígios, tornando-os perenes, guardando o passado, as memórias, do esquecimento que teima em chegar com o passar dos tempos.

Nas marés do Amazonas

1. Imaginação e história

Os velhos já sabem da experiência o bolor e a sua irreversibilidade, conhecem da sabedoria a capacidade de, partindo do imaginário, significar o real. São grandes memorialistas e ficcionistas.

Patrícia Porto

A obra *Nas marés do Amazonas*, de Iramel Lima, é um apanhado histórico de relatos orais, de memória e identidade de um povo. É histórico porque, apesar de se tratar de uma obra de ficção, sua construção foi baseada na pesquisa *in loco* feita pela escritora, na vivência, nas memórias de sua infância e na imaginação. Iramel escreveu o livro em homenagem ao seu avô, Higino Pena Amanajás, que sempre contava histórias do interior para ela e seus irmãos: “Desde criança eu ouvia os fatos, dramas e humores contados por ele. A riqueza de detalhes de suas narrativas despertava fantasias e curiosidades em minha mente”, relata a autora na apresentação do seu livro. Podemos considerar *Nas marés do Amazonas* um verdadeiro documento escrito sobre as lendas, as crenças, os costumes, a religiosidade e o imaginário coletivo do povo amapaense, em especial, dos bailiquienses, protagonistas das histórias relatadas no livro.

Iramel Lima é professora de Língua Portuguesa e trabalha na rede pública de ensino do estado do Amapá. Em 2009, ela começou a entrevistar seus parentes para saber melhor sobre a trajetória de vida do seu avô. No ano seguinte, a autora pede transferência da capital Macapá para ministrar aulas no Bailique, cenário das histórias fantásticas descritas no livro, e passa a conviver “com aquela gente” dos relatos de seu avô. “Assim que cheguei ao Bailique já fui procurando pessoas para entrevistar e encontrei logo dona Rosa Amanajás que me contou muitas histórias do local”, informou Iramel em entrevista concedida para este trabalho. Nesta entrevista, foi perguntado à autora se ela havia apenas retratado os contos como os ouvira, ou se havia produzido suas próprias lendas, ao que ela respondeu “cada um conta do jeito que ouviu”.

Antônio Montenegro diz que “a história escrita, documentada, distingue-se do acontecido; é uma representação. E neste hiato entre o vivido e o narrado localiza-se o fazer próprio do historiador” (MONTENEGRO, 2010, p. 10), ou seja, este espaço abre as portas da imaginação. A imaginação, portanto, faz parte da construção histórica dos fatos e se torna parte deles. Vejamos:

Os Estados Nacionais, os regimes políticos e as relações econômicas se transformam, trazendo em seu bojo uma radical discussão dos conceitos de história, de cultura, de representação, de sociedade, numa dinâmica entre as práticas e os imaginários que fornecem opções históricas e, em outros momentos, delas se alimentam (MONTENEGRO, 2010, p. 10).

A imaginação consiste no preenchimento dos espaços vazios que a história deixa. Com isso, pode-se dizer que *Nas marés do Amazonas* é um importante

documento histórico tanto para a literatura amapaense quanto para a memória e a construção de identidade do povo bailiquense.

2. Memória e identidade: lembranças de velhos

O romance começa com seu Higino falando dos motivos que o fazem retornar ao Bailique. “Além de rever meus amigos, irei em busca de uma planta raríssima, de folhas miúdas, que existe em algum lugar das oito ilhas que compõem o Arquipélago do Bailique e que poderá me curar” (LIMA, 2012, p. 10), relata Higino já nas primeiras linhas da obra. Aqui já é possível perceber que o narrador é personagem e, ainda neste primeiro capítulo, observa-se a predominância do discurso direto, com muitas conversas e histórias pitorescas do lugar e com pouquíssimas intervenções do narrador.

O ancião conta que ficou paralítico da perna direita havia 20 anos, e que na época em que surgiu a enfermidade ele foi buscar tratamento com uma benzedeira² em uma comunidade chamada Açaizeiro. Contudo, o tratamento aliviou as dores, mas não trouxe os movimentos da perna de volta. Nessa viagem, a esposa do narrador foi junto, acabou contraindo malária e faleceu em seguida. Com toda essa adversidade e ainda com filhos pequenos para criar, Higino decidiu morar na capital Macapá e ficou muitos anos sem voltar ao Bailique, sua terra natal. Com seu retorno, as lembranças vão se avivando na memória: “Minha mente traça novos caminhos pelas águas do Bailique. Agora meu olhar é o de um ser ausente em corpo, mas presente em memória. Em cada lugar que chegava, dava meu grito de saudação, agudo e longo; é o nosso jeito de dizer ‘Cheguei!’”(LIMA, 2012, p.14).

Ao longo do romance, as lembranças e as histórias paralelas à principal (que é a busca pela planta medicinal) tomam lugar de destaque, levando o leitor à sensação de que o que importa realmente para seu Higino é o reencontro com seu lugar, com sua gente. A planta angustura³ é só uma desculpa para a viagem de regresso. Verifica-se isso observando a construção de cada capítulo. Primeiramente, surgem muitas histórias; só depois seu Higino entra na conversa sobre a planta, mas ainda de maneira muito rápida. Os dois primeiros capítulos falam da sua chegada à Vila Progresso, principal

² Mulher que possui conhecimento sobre plantas medicinais e faz orações para ajudar a curar enfermidades.

³ Esta planta é uma criação da autora.

comunidade do arquipélago do Bailique, e revelam longas conversas de Higino com dona Maria. Ao final do segundo capítulo, Higino fala com dona Maria sobre a planta. Isso depois de a senhora já ter falado sobre sua vida, as mudanças ocorridas na comunidade e ter contado a lenda do homem-tartaruga, um ser encantado que protegia um lago:

- Essa história me fez lembrar que preciso encontrar um remédio para a minha perna. A senhora conhece uma planta chamada angustura?

- Há uns vinte anos eu vi essa planta nas mãos de um alemão, mas ele levou para estudar, eu acho, e eu nunca mais ouvi falar sobre ela.

- Então ela existe mesmo?

- Ela existe em algum lugar. Você precisa dela para fazer o quê?

- Para tratar meu joelho.

- É, seu Higino, não podemos perder as esperanças.

- Dona Maria, eu gostei muito de ouvir esse fato de maneira completa (LIMA, 2012, p. 22).

Seu Higino se conforma muito facilmente com as respostas e muda logo de assunto. Isso ocorrerá em diversos capítulos ao longo da narrativa. No terceiro, por exemplo, ele encontra seu Pedrinho, amigo de muitos anos, e novamente depois de uma longa conversa sobre a vida do amigo e alguns casos intrigantes da comunidade, o narrador-personagem pergunta sobre a planta com poderes curativos.

A trama possui três personagens centrais: Seu Higino, Dona Maria e seu Pedrinho. Todos idosos e a cada encontro muitas conversas recheadas de histórias dos moradores locais e de seres encantados que passeiam pela região. Dona Maria é benzedeira, e quem vai tratar a perna de seu Higino depois que este encontra a angustura. Antes de começarem efetivamente a terapia, o trio de amigos fica se encontrando na casa de dona Maria aos sábados para acompanhar o crescimento da angustura, pois a planta, quando foi localizada, estava muito pequena e precisava ganhar mais folhas. Nesses encontros, os netos da benzedeira enchiam a casa em busca de lanches da vovó e histórias dos velhos amigos.

No sábado seguinte, dona Maria, que esperava suas visitas de todos os sábados, aproveitou para fazer uma tapiquinha para tomar com café, e essa merenda nas tardes era de um sabor inesquecível. Essas visitas e longas conversas faziam da vida um reencontro perfeito com a vida bailiquense (LIMA, 2012, p.135).

Essa passagem evidencia o que foi dito antes sobre a força dos relatos orais na vida interiorana dos amapaenses. O gosto que os antigos tinham de ficar em frente suas casas e “jogar conversa fora”.

O livro de Iramel Lima revela como os contos, as lendas e as histórias fantásticas são utilizados para educar as crianças e os jovens, como uma espécie de controle social, principalmente com relação à natureza. Em relação ao aspecto comportamental dos indivíduos perante a sociedade, temos a fala de seu Pedrinho, que conta a história de um homem forte que pega os jovens que passarem da hora na ponte⁴:

Muitos fatos rondam a vida dos ribeirinhos. Acredito que alguns acontecimentos servem para proibir o abuso, a violação das normas do local, como a crença na aparição de visagem. Todos os jovens conhecem e contam que aquele que bagunçar muito na ponte, depois da meia-noite, acabará levando uma lição de um homem grande, forte e que não perdoa ninguém. Muitos que o viram ficaram em estado de choque (LIMA, 2012, p. 27).

Montenegro (2010) fala a respeito desse controle social, citando Marilena Chauí. O autor diz que a falta de estrutura de uma determinada comunidade faz com que ela crie uma cultura de resistência para poder sobreviver às intempéries da vida. Assim,

Marilena Chauí aponta diversos usos do “conceito de cultura” em vários períodos históricos. Estamos de acordo com a forma de análise da autora ao não colocar a cultura popular como totalidade em oposição à cultura dominante. A cultura popular se caracteriza por “um conjunto disperso de práticas, representações e formas de consciência que possuem lógica própria (o jogo interno do conformismo, do inconformismo e da resistência) distinguindo-se da cultura dominante exatamente por essa lógica de práticas, representações e formas de consciência. Consideramos, entretanto, que a falta, a carência, como elemento fundante do cotidiano da vida, tem na resistência, não uma postura política conjuntural, mas um desafio da faina diuturna pela própria condição de sobreviver (MONTENEGRO, 2010, p. 12).

Cada lenda apresentada por Iramel tem uma moral, como numa fábula. O capítulo 24, intitulado “Caçador”, traz a história de uma dupla de amigos caçadores que saíram para caçar com sede de matança. Mataram tudo o que viram pela frente, até um tamanduá-bandeira para vender a pele. Voltaram felizes para casa, mas depois de um dia começaram a passar mal. Eles já não dormiam mais à noite e desejavam comer formigas. Preocupados, os amigos foram até um pajé, que lhes disse que eles estavam com a maldição do tamanduá. O pajé receitou-lhes um banho com ervas poderosas e

⁴ Todas as comunidades que compõem o arquipélago do Bailique são constituídas de pontes de madeira ou concreto. Não há ruas.

mandou os caçadores enterrarem a pele do tamanduá na floresta, em noite de lua cheia. Os dois, que já estavam com pelos grossos por todo o corpo, inventaram uma desculpa para as esposas e decidiram esperar a noite de lua cheia na floresta, pois não queriam que suas esposas os vissem daquele jeito. Durante três dias eles foram aterrorizados por visagens⁵ na floresta e tinham sonhos terríveis em que eram comidos por pessoas. Muito arrependidos por terem caçado aquele animal, os homens prometeram nunca mais caçar. Daquele dia em diante eles só comeriam peixes e formigas. Os amigos conseguiram escapar da maldição e nunca mais foram caçar. Dessa forma, temos uma reflexão sobre a caça desenfreada de animais silvestres: caso você tenha feito maldade a algum animal a natureza poderá puni-lo!

As punições ocorrem, também, nas lendas sobre os botos. Os humanos que os machucam são repreendidos com encantamentos e até prisões espirituais até se arrependerem do que fizeram. Há sempre uma moral que leva à preservação da natureza, dos animais, à vivência harmoniosa entre o homem e o meio ambiente. Assim, pode-se dizer que as lendas, em lugares como o Bailique, surgem para manter minimamente a ordem e o equilíbrio entre homem e natureza. Os mais velhos são os responsáveis por essa tradição. São as memórias vivas dos lugares.

Refinamento: uma obra inacabada

A obra aqui analisada apresenta consideráveis falhas de edição que expõem, em alguns casos, talvez a inexperiência da autora em lidar com muitos personagens. Afinal, *Nas marés do Amazonas* é o primeiro (e ainda único) romance de Iramel Lima. A escritora basicamente escreve contos e poesias.

Resguardada a importância simbólica da obra, é necessário salientar os prejuízos que a falta de uma edição minimamente comprometida com a história do romance ocasionou à obra.

O primeiro prejuízo foi a decepção da autora, que não possui um agente literário e precisa resolver tudo sozinha, inclusive a publicação desse livro foi por sua conta. Isso resultou em uma falta de interesse em divulgar a obra. No Amapá, não é fácil publicar um livro: além de muito oneroso, com poucas opções de gráficas e nenhuma editora que

⁵ Fantasmas, assombrações.

trabalhe com livros literários ou mesmo de outra área. Assim, quase não há incentivo por meio de políticas públicas para o consumo da literatura local. Os eventuais escritores amapaenses não vivem de sua arte, pois que a literatura é tratada mais como um *hobby* do que como profissão. O que resulta numa produção baixa e num cenário desaquecido, principalmente, na área de publicações impressas.

A segunda questão a ser apontada refere-se aos erros primários de edição. Ao não consertar falhas de digitação, excessos e/ou falta de palavras, a leitura do romance pode tornar-se cansativa e desinteressante, uma vez que a dinâmica é cortada por equívocos perfeitamente evitáveis. Observe este excerto da página 15:

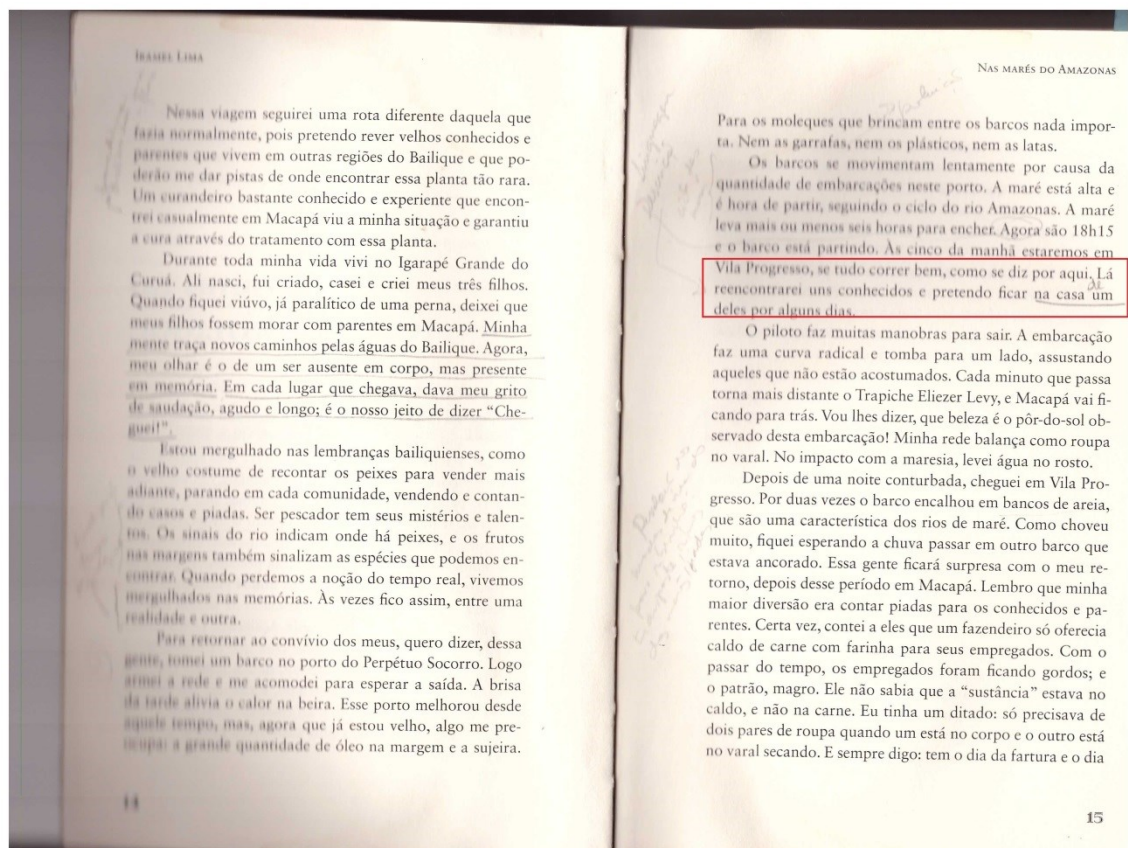


Figura 2. Trecho do livro *Nas marés do Amazonas*, de Iramel Lima. Falhas de edição.

Na frase “Lá encontrarei uns amigos conhecidos e pretendo ficar na casa **de** um deles por alguns dias”, faltou a preposição “de”, na expressão “casa de um deles”, que daria mais sentido à oração. Esse tipo de falha pode ser observado várias vezes durante o romance, tornando precária a leitura.

Outro ponto importante a se destacar, e que compromete a boa leitura do livro, é a troca de nome de personagens. Como foi apontado acima, a escritora, talvez por falta de experiência na preparação e no ordenamento dos vários elementos do romance, troca alguns nomes de personagens. Na entrevista que nos concedeu, Iramel confessou que não organizou, antes de começar a escrever, os personagens: “Eu prometi que ia escrever todos os dias que estivesse no Bailique e no primeiro dia já comecei a escrever e deixei as coisas rolando”, disse a escritora.

Não há uma fórmula mágica para escrever um bom romance. Porém, muitos escritores e roteiristas dizem que uma boa ideia é, antes de tudo, identificar quem são seus personagens, quais seus medos, pontos fortes e fracos, etc. Assim, corre-se menos risco de falhas de continuidade.

No capítulo quatro, denominado “Alexandre e dona Florência”, podem-se observar algumas falhas de continuidade. Vejamos:

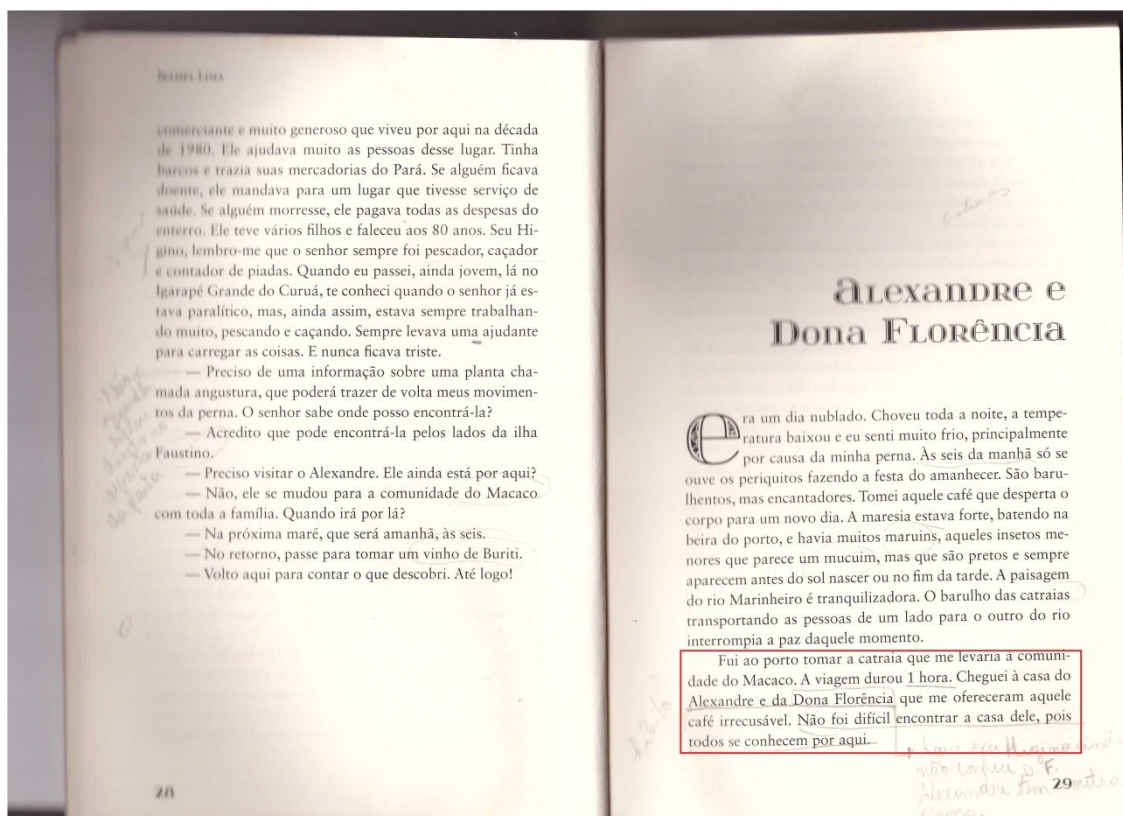


Figura 3. Trecho do livro *Nas marés do Amazonas*, de Iramel Lima. Falhas de continuidade.

O excerto marcado em vermelho indica que, provavelmente, Alexandre e dona Florência são casados ou, pelo menos, moram juntos: “A viagem durou 1 hora. Cheguei

à casa do Alexandre e da Dona Florência que me ofereceram aquele café irrecusável.” (LIMA, 2012, pág. 29). Contudo, na página 32, depois de Alexandre ter conversado bastante com seu Higino, dito os motivos que o fizeram sair da Vila Progresso, contado a lenda da feiticeira e do cavaleiro misterioso que aparece conduzindo uma manada de gado no Parazinho em noite de lua cheia, ele diz ao velho coxo que conhece uma benzedeira que pode ajudá-lo a encontrar a angustura. O nome da benzedeira é Florência e mora no fim da vila do Macaco. “Eu não sei nada sobre essa planta, mas conheço alguém que talvez possa ajudar. Ela mora no final da vila e se chama Florência”, diz Alexandre ao velho. Higino não conhecia dona Florência e não há pista alguma no texto que possa levar o leitor a crer que a esposa de Alexandre tenha o mesmo nome da benzedeira que ele indicou. Observe:

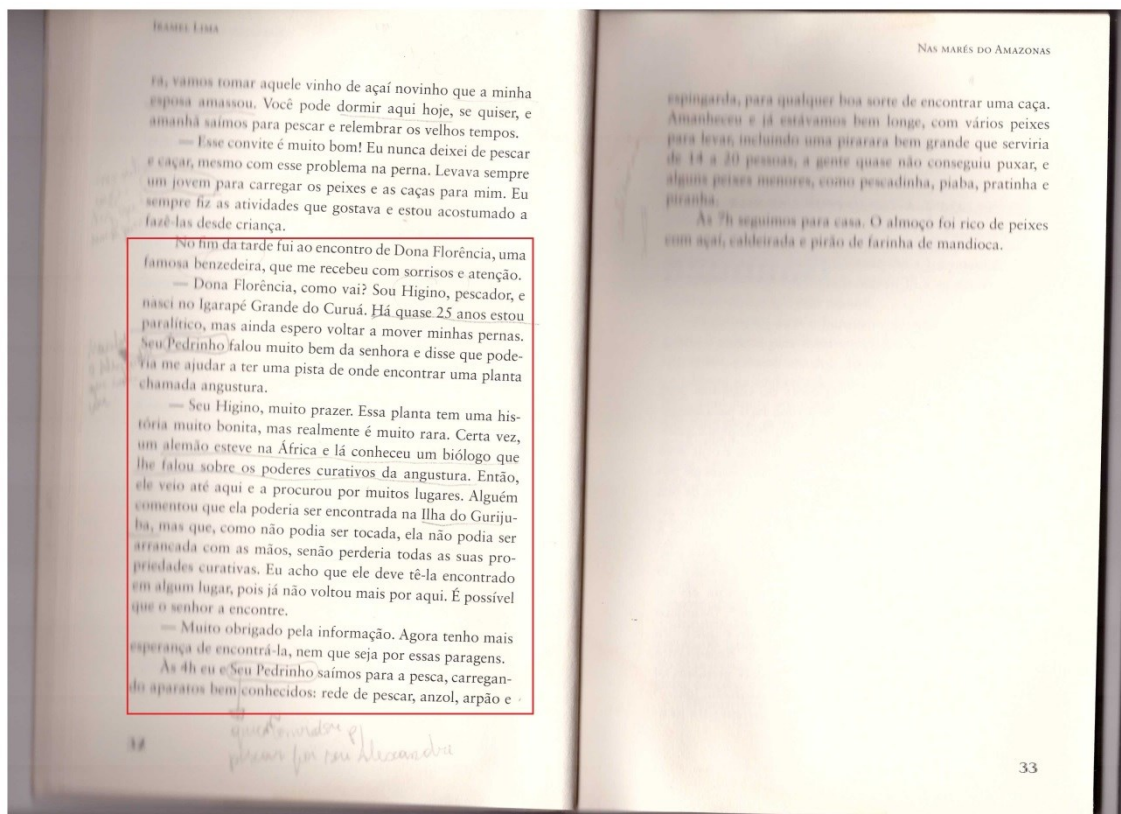


Figura 5. Trecho do livro *Nas marés do Amazonas*, de Iramel Lima. Falhas de continuidade.

Além desse ato falho da autora, temos, nesse mesmo capítulo, a troca de nomes dos personagens. Lima troca Alexandre por Seu Pedrinho. “Seu Pedrinho falou muito bem da senhora e disse que poderia me ajudar a ter uma pista de onde encontrar uma planta chamada angustura”, diz seu Higino ao chegar à casa de dona Florência. Foi Alexandre também quem convidou seu Higino para pescar, neste capítulo. Esses atos

falhos da autora são perceptíveis e leva-nos a pensar que não houve, pelo menos por parte do revisor de texto, nenhuma preocupação com a versão impressa final da obra ao público leitor.

Não podemos deixar de mencionar o formato do romance. Trata-se de uma obra que utiliza, predominantemente, o discurso direto. Os diálogos são frenéticos, como nas conversas cotidianas, e algumas vezes, por falta de referência nos discursos, nos perdemos nas falas, pois não sabemos exatamente quem disse o quê. Vejamos o diálogo a seguir:

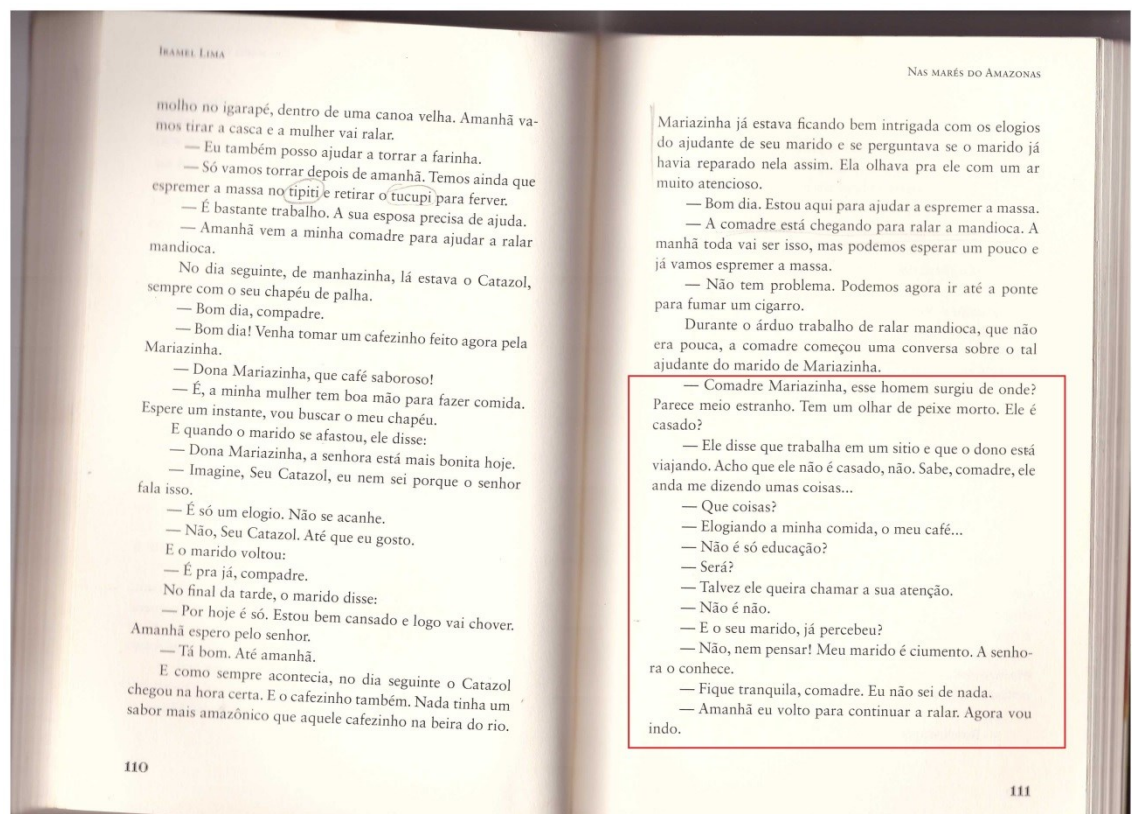


Figura 6. Trecho do livro *Nas marés do Amazonas* de Iramel Lima. Falta de referência textual.

No geral, a leitura desse formato flui de maneira razoável, pois a dinâmica proposta é interessante. Não há muitas explicações ou intervenções do narrador, os diálogos vão se dando continuamente e a leitura é bem rápida. Porém, como foi dito anteriormente, em alguns momentos o leitor se perde nas conversas e não consegue identificar o orador, precisando voltar algumas vezes ao texto para compreendê-lo. O que causa certo desconforto.

Considerações finais

Este trabalho nasceu do desejo de registrar, documentar e discutir o espaço físico de guardar memórias da literatura amapaense. A obra *Nas marés do Amazonas*, da escritora amapaense Iramel Lima, pode ser considerada um documento histórico das memórias do povo amapaense, em especial, dos moradores do Arquipélago do Bailique, e por que não dizer de um pedaço do imaginário popular amazônico?

Como vimos, a memória e a imaginação também constroem a história. No Amapá, os desafios são muito grandes para quem deseja produzir literatura. Os escritores, normalmente, são os responsáveis pela publicação de seus livros, pois não há muito incentivo por parte do poder público no sentido de financiar escritores e suas obras. Isso pode ocasionar uma negligência em relação à memória e conseqüentemente de identidade do amapaense. “O lembrar é uma atividade mental que não exercitamos com frequência por que é desgastante ou embaraçosa. Mas é uma atividade salutar. Na rememoração reencontramos a nós mesmos e a nossa identidade” (DELGADO, 2006, p. 38, citando Bobbio, 1997). Os livros e a literatura são ferramentas valiosas para a preservação dessa memória e a construção dessa identidade.

Apontamos as falhas da obra não para macular o espírito criativo da autora ou para diminuir a importância do livro. Ao contrário, nosso intuito é mostrar que são falhas possíveis de serem sanadas e que uma segunda edição se faz necessária para que mais pessoas possam ter acesso a ela. Em conversa com a escritora Iramel Lima, a autora sugeriu que nós podíamos revisar e reeditar a obra. Ela nos daria, sem problema algum, os direitos autorais para “mexermos” na obra da maneira que achássemos melhor. A sugestão nos honrou, ao mesmo tempo em que nos lançou um desafio, considerando o que Delgado fala sobre os lugares da memória e sua importância para a construção das identidades. Este trabalho se faz imperativo para o cenário da literatura amapaense, posto que

os lugares da memória e os objetos biográficos podem ser considerados como esteios das identidades sociais, como monumentos que têm, por assim dizer, a função de evitar que o presente se transforme num processo contínuo, desprendido do passado e descomprometido com o futuro (DELGADO, 2006, p. 49).

Delgado (2006) deixa claro que é preciso estudar e compreender o passado para não correremos o risco de repetir os mesmos erros e viver um eterno presente sem perspectivas para o futuro. Lima proporciona um encontro dos amapaenses com sua identidade ribeirinha, com sua posição geográfica (Amazônia), que faz com que sua identidade esteja estritamente ligada à natureza, aos rios e matas. O que os identifica com as questões ambientais. Uma nova edição do livro de Iramel Lima ajudará a fomentar a produção literária local, e resguardar suas memórias.

REFERÊNCIAS

- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças dos velhos**. 3. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CANDAU, Jöel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.
- DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História Oral: memória, tempo, identidade**. Ed. Autêntica, 2006.
- GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. 9. Ed. São Paulo: Ática, 2006.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**. 1. Ed. [reimpr.]. Rio de Janeiro: LTC, 2014.
- HALBWACHS. **A memória coletiva**. Ed. Centauro, 2006.
- KESSEL, Zilda. **Memória e memória coletiva**. Dica de leitura. Disponível em: <http://www.museudapessoa.net/public/editor/mem%C3%B3ria_e_mem%C3%B3ria_coletiva.pdf>. Acesso em: 10 de maio, 2016.
- KLUG, Marlise Buchweitz; LIMA, Rosimeire Simões de; LEBEDEFF, Tatiana Bolivar. **Literatura como lugar de memória: uma análise do romance Satolep, de Vitor Ramil**. Dica de leitura. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/antares/article/view/2954>>. Acesso em: 10 de maio, 2016.
- LIMA, Iramel. **Nas marés do Amazonas**. São Paulo: Schoba, 2012, 180p.
- MONTENEGRO, Antonio Torres. **História oral e memória: a cultura popular revisitada**. 6ª ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010.
- NORA, Pierre. **Entre Memória e História: A problemática dos lugares**. Tradução de Yara Aun Khoury. Projeto História. São Paulo, dez 1993.
- PORTO, Patrícia de Cássia Pereira. **Narrativas Memorialísticas: Memória e Literatura**. Dica de leitura. Disponível em: <http://www.educacao.ufrj.br/artigos/n12/11_Narrativas_Memorialisticas_Memoria.pdf>. Acesso: 10 de maio, 2016.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de Conceitos Históricos**. Dica de leitura. Disponível em: <http://www.igt.rs.gov.br/wp-content/uploads/2012/03/conceito_MEM%C3%93RIA.pdf>. Acesso em: 10 de maio, 2016.

TAVARES, Hênio. **Teoria Literária**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Ed. Unicamp, 1994.